

O TEXTO IMAGÉTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

BRITO, Maria de Fátima de Freitas.

mffbb@zipmail.com.br

PAES, Silvânia Oliveira. (Orientadora)

Graduada em Letras, Especialista em Administração Escolar, Prof^ª do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

silvania.paes@ig.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como estudo o texto imagético no ensino de Língua Portuguesa. O objetivo foi analisar a importância do texto imagético, em sala de aula, por meio de seus agentes representativos. O tema abordado é de grande interesse para todos os profissionais da área de Letras. Os procedimentos metodológicos contemplaram um estudo de caso complementado pela pesquisa bibliográfica, observação *in loco* e a coleta de dados em sala de aula envolvendo professor, material didático e alunos. O mesmo adotou como referência os autores que tratam dos temas referentes à Leitura, Escrita, Imagem, Livro de Imagens, Ensino de Língua Materna, destacando as análises de FERREIRO (2002), FERRARA (1991), TRAVAGLIA (2003), BAGNO (1999), entre outros. O estudo revela que o texto imagético pode auxiliar o aluno não só desenvolver a capacidade de produzir textos, mas também lidar melhor com as diversas modalidades que a Língua Materna apresenta. Espera-se que a conclusão deste possa contribuir para o ensino de Língua Portuguesa, no que se refere ao desempenho lingüístico, cultural e social do aluno, sob o ponto de vista do desenvolvimento da criatividade de acordo com a realidade de cada um.

O TEXTO IMAGÉTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Desde os primórdios, na Pré-História, o homem já sentia necessidade de se comunicar, e para se expressar fazia pinturas nas cavernas para concretizar uma possível comunicação. Contudo, este tipo de representação (pintura rupestre) não é considerado, um tipo de escrita. Após essa era a escrita surge e evolui até os dias atuais, em diferentes etapas, por meio de diversos povos e culturas.

A história da escrita começa de fato por volta de 4.000 a. c. na Mesopotâmia com o Alfabeto Pictográfico, através dos sumérios que inventam a escrita cuneiforme. No Antigo Egito, os egípcios desenvolvem a escrita demótica (mais simplificada) e a hieroglífica (mais complexa, formada por desenhos e símbolos). Em Roma Antiga, o alfabeto romano é composto apenas por letras maiúsculas. Na Alta Idade Média, no século VIII, Alcuíno, um monge inglês elabora um estilo de alfabeto que contém letras maiúsculas e minúsculas. Com o passar do tempo esta forma de escrita sofre modificações, torna-se complexa para leitura, e no século XV o italiano, Lodovico Arrighi, publica o primeiro caderno de caligrafia e dá origem ao estilo que hoje é denominado de itálico. Tempos depois surge a escrita calcográfica originadas dos tipos dos cadernos gravados em chapas de cobre (calcografia).

Muitas revoluções políticas, sociais acontecem em torno da escrita. Os primeiros textos em argila ou papiro passam por transmutações até nascerem os primeiros livros escritos em novas línguas. A escrita se expande, o número de leitores se multiplica, os livros são progressivamente personalizados, os textos se diversificam e assim são criados novos modos de ler e escrever.

Na escrita a relação entre o escritor e o leitor é fundamental para o acontecimento da interpretação da mensagem a ser transmitida, assim como, a relação da leitura com a escrita representa um desafio para a prática do uso da linguagem oral e escrita.

É notório que a comunicação humana ocorre através de vários sistemas cultural, social, e por vários meios rádio, internet, televisão e outros. Estes meios são representados por signos que compõem o código que por sua vez assegura a comunicação entre um emissor e um receptor. Os signos são linguagens não verbais que têm eficiência e eficácia na comunicação humana.

O texto imagético e o texto verbal (oral, escrito) constituem formas de representação e a diferença entre estas formas está na relação com o que representam. A imagem pode ilustrar o texto ou ser o próprio texto, bem como, o texto verbal pode esclarecer a imagem através do comentário, da explicação, da descrição. Nesse sentido, a leitura de imagens sozinhas ou sequenciais prepara o leitor para construção posterior de esquemas narrativos orais ou escritos.

Na sala de aula a imagem desempenha papel importante para a compreensão e produção de texto, juntamente com o conhecimento prévio e a visão de mundo que o aluno possui. Contudo, as relações entre a imagem e o texto não deixam de ser complexas, uma vez que estes dois elementos devem constituir na narrativa uma mensagem que possa ser entendida.

A escrita é uma representação, é um sistema de sinais organizados pelos olhos, pois,

Desde o início, histórica e fundamentalmente, a escrita é uma organização de sinais para os olhos. Certas civilizações aperfeiçoaram essa linguagem puramente visual; outras se preocuparam em acrescentar-lhe o poder de codificar não apenas diretamente um significado (o que obviamente ela continuará fazendo), mas também os sons da linguagem oral, no entanto sem subordinar-se totalmente a ela, por razões básicas. (FOUCAMBERT, 1994, p.108).

O texto imagético é um recurso que pode auxiliar a organização entre a linguagem visual e a linguagem escrita, uma vez que o mesmo tende a se aproximar da realidade representada. No que se refere a distinção entre imagem e texto, é necessário saber:

A distinção imagem/texto é problemática. Essa distinção, extremamente importante desde a introdução das “iluminuras” nos textos medievais, e firmemente estabelecida na Idade Moderna, é questionada pela primeira vez pelas novas tecnologias: simplesmente porque o texto pode ser tratado como imagem.[...]. (FERREIRO, 2002, p. 52).

Segundo Ferrara (1991, p. 7), toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instancia, toda representação é gesto que codifica o universo, do que se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real.

É incontestável que os signos fazem parte da vida do ser humano, no pensamento eles surgem como imagem, sensação e representação. Graças aos signos o leitor transita entre linguagens, da imagem para o verbo, do som para a imagem e assim sucessivamente; nesse universo os signos interagem com as palavras, as imagens crescem e ganham diferentes dimensões.

A identificação e a definição de um signo, bem como a sua relação com o objeto representado constituem condição imprescindível para que se estabeleçam os padrões característicos de uma linguagem, uma vez que,

Signo/Objeto/Interpretante: são entidades interdependentes, mas não submissas entre si; nesta cadeia, os três elementos são irredutíveis um ao outro porque designam instancias particulares de um processo de significação que compreende os três elementos simultaneamente. O signo está no lugar do objeto e o representa para alguém; o objeto é representado pelo signo, que transmite sobre ele alguma informação; o interpretante é a relação que o intérprete estabelece entre o objeto e o modo como o signo representa esse objeto; logo não é possível confundir interpretante e intérprete. (FERRARA, 1991, p. 67).

Sabe-se que a Semiótica estuda a relação entre signo e objeto, esse estudo é fundamental na investigação em torno não só da linguagem não-verbal como também da linguagem verbal. Portanto, para entender melhor essa relação é necessário conhecer o conceito de Semiótica,

Semiotização/Semiótica: toda representação de um signo em relação ao objeto representado é sempre parcial, pois não esgota todas as faces do mesmo objeto. Assim semiotização envolve a representação parcial do signo em relação ao objeto, mais a relação interpretante que o intérprete ou receptor estabelece entre aquele modo de representação e o próprio objeto representado. Todo sistema de representação tem, pois, uma lógica que o caracteriza; o estudo científico dessa lógica chama-se Semiótica. (FERRARA, 1991, p. 67).

As imagens ao longo do tempo serviram para atender interesses individuais e coletivos. Elas desempenham papel de mediadoras entre o leitor e a realidade, suscitam muitos questionamentos, ampliam a consciência do espectador para compreensão de seu universo e podem situá-lo no tempo e no espaço.

Em todos os seus modos de relação com o real e suas funções, a imagem pertence a um conjunto da esfera do simbólico, como explica Aumont:

A imagem pertence ao domínio das produções socializadas, utilizáveis em virtude das convenções que regem as relações interindividuais. O espectador torna-se parceiro ativo da imagem, tanto emocional como cognitivamente. Esta age sobre aquela e tem função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de descoberta visual. (AUMONT, 2000, p.81).

Não se pode negar a importância da imagem para o texto, pois, a cada dia a linguagem da civilização torna-se mais imagética: “O prazer da imagem é sempre em última instância o prazer de ter acrescentado um objeto aos objetos do mundo”. (AUMONT, 2000, p. 313).

Ao reconhecer uma imagem o leitor experimenta uma satisfação psicológica por reencontrar nela uma experiência pessoal. A imagem só existirá a partir do momento em que o leitor puder percebê-la e compreendê-la. Tanto do ponto de vista de seu produtor, como do ponto de vista de seu receptor, a imagem constitui um fenômeno ligado à imaginação, pois, dela

dependerá o sentido que se produzirá no processo de leitura. É preciso entender que as formações ligadas ao produtor do texto são importantes para a formação do seu texto verbal, assim sendo,

Ainda das formações imaginárias ligadas ao sujeito são importantes, para o efeito de sentido que acontece numa interação determinada, as imagens que o produtor e receptor do texto fazem: a) do assunto; b) da situação; c) de si próprios; d) um do outro (a imagem que o produtor faz do receptor e vice-versa) e e) das imagens que cada um acha que o seu interlocutor faz dele [...]. (TRAVAGLIA, 2003, p.90).

De acordo com Infante (1991, p. 49), a palavra texto tem origem no latim textum que significa tecido, entrelaçamento. A partir deste conceito pode-se afirmar que o texto é o resultado de um entrelaçamento de várias partes menores que se finaliza em um todo inter-relacionado.

O texto também poderá ser entendido como:

[...] uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecida, independentemente da sua extensão (KOCH e TRAVAGLIA, 1989, p. 8 e 9). Dessa forma o texto será o resultado, o produto concreto da atividade comunicativa que se faz seguindo regras e princípios discursivos sócio-historicamente estabelecidos que têm de ser considerados. (TRAVAGLIA, 2003, p. 67).

Pode-se se chamar, também, de texto uma produção cultural com a qual um interlocutor pretende interagir, numa determinada situação. Essa produção cultural pode ser verbal (através de palavras, expressas de forma oral ou escrita), ou não-verbal (através de imagens, gestos, sons).

O texto não-verbal é caracterizado pela linguagem sem código. Neste tipo de texto são encontrados vários signos aglomerados que emanam da cognição e que de imediato não apresentam um sentido. Dessa forma, a associação entre convenção e sentido precisa ser produzida, pois, o texto não-verbal não faz qualquer imposição, ele deixa o leitor livre para criar. Nele a palavra não apresenta lógica central o que é uma característica do texto verbal, todavia, apresenta uma lógica simultânea sem hierarquia, sem regras fixas uma vez que não há um sentido mas vários sentidos, muitos sentidos a serem produzidos.

O texto não-verbal está incorporado à realidade de propagar-se em linguagens como a comunicação visual, sinalização de trânsito e outras que despertam a sensação e a atenção do leitor. Essas induzem este a compreender, relacionar, comparar e produzir sentidos de acordo com suas vivências, além de refletir sobre suas próprias experiências. No entanto, para que a leitura se realize é necessário que haja uma relação, conforme explica:

Porém sensação e atenção são condições de leitura, mas não são, ainda, a leitura porque esta impõe a relação das sensações e das imagens fixadas pela atenção para tornar possível, de um lado, a interação do mundo independente dos sentidos, originalmente dispersos, e, de outro, a associação comparativa das emoções. (FERRARA, 1991, p. 24).

No texto não-verbal não existe um autor que produz um sentido, contudo sentidos podem ser produzidos pelo leitor que segue inferências para criar condição de interação com seu meio e atuar sobre ele com mais consciência, uma vez que não se ensina a ler o não-verbal. Este tipo de texto representa o visual, o sinestésico, e sua leitura é um desempenho da competência lingüística internalizada do leitor, pois, a mesma não tem uma ordem preestabelecida, convencional ou sistematizada. Contudo, o não-verbal aprende com o verbal a qualidade da sua competência e o rigor da sua organização.

A interação com os textos acrescenta experiências ao conhecimento prévio do leitor, este conhecimento abrange um conhecimento de mundo, um conhecimento textual (sobre as formas de textos verbais, orais e escritos, e as de textos não-verbais) e um conhecimento lingüístico (no caso dos textos verbais).

No texto verbal escrito autor e leitor fazem o trabalho de construção da textualidade (unidade de sentido). O autor, na produção da escrita, e o leitor, na produção da leitura, cada um com seu conhecimento prévio. E assim, nessa relação os possíveis sentidos se estabelecem. O

texto verbal apóia-se na coerência, na coesão, no encadeamento lógico, coordenado, subordinado ou misto de suas estruturas frásicas.

No texto oral é notória a clareza que o emissor tem com relação ao receptor, pois,

Na linguagem oral o falante tem claro com quem fala e em que contexto. O conhecimento da situação facilita a produção oral. Nela o interlocutor, presente fisicamente, é ativo, tendo possibilidade de intervir, de pedir esclarecimentos, ou até de mudar o curso da conversação. O falante pode ainda recorrer a recursos que não são propriamente lingüísticos, como gestos ou expressões faciais. Na linguagem escrita a falta desses elementos extratextuais precisa ser suprimida pelo texto, que se deve organizar de forma a garantir a sua inteligibilidade. (INFANTE, 1991, p. 46).

Nesse sentido, os diferentes tipos de textos possuem suas particularidades, cada um deles tem sua importância, e quando interagem entre si se completam, conforme explicação:

Explicando, a leitura não-verbal concretiza-se em um padrão metalingüístico que não dispensa o verbal oral e escrito. A contextualização, o estranhamento, a eleição de uma dominante, a tensão, a ênfase, a observação, a comparação e a analogia, [...] são condições de leitura não-verbal, mas esse produto só se manifesta, só explicita seu desempenho através do verbal, porque sua consistência, sua convicção alicerçam-se numa lógica argumentativa que é característica e distinção da linguagem verbal. [...] Os códigos se comunicam e se explicam mutuamente. Esse é o destino das linguagens. (FERRARA, 1991, p. 36).

Esquemas imagéticos é a representação dos elementos que formam um todo para organizar as idéias a partir da experiência física e social e que moldam experiências perceptuais. Influenciam o processamento de informações, pois trata-se da organização do nosso pensamento, que se projeta nos usos diários que fazemos da linguagem. (LAKOFF, 1990 apud EVANGELISTA, 2005, p. 1).

O texto imagético faz papel de ponte entre o texto não-verbal e o texto verbal, ele traz uma proposta de texto aberto, onde cada leitor contextualiza a história, baseado nas pistas apresentadas pelo texto as quais ativam o seu conhecimento de mundo, expectativas, intenções, sonhos e principalmente a sua imaginação. Este tipo de texto possibilita o jogo interlocutivo entre autor e leitor através de histórias, poemas, propagandas, charges, quadrinhos etc. Com o texto

imagético noções de coerência e de coesão podem ser construídas e apreendidas uma vez que a leitura de imagens sozinhas ou seqüenciadas prepara o jovem leitor tanto para a construção posterior de esquemas narrativos orais, quanto para a entrada no mundo da escrita. Por essa porta de entrada, o leitor cria seu próprio roteiro, imagem, cena, história. Ao descrever as imagens com palavras, ele não só desenvolve a imaginação como também a linguagem oral e escrita.

Segundo Terra (2003, p. 3), os textos em imagens podem suscitar no leitor muitos questionamentos e levá-lo a buscar outras leituras, através da ampliação de sua consciência em relação a seu universo, a si mesmo, e se situar no tempo e no espaço. Pois, ao ler as imagens o leitor enumera os elementos isolados, descreve as cenas e narra a seqüência dos acontecimentos produzindo sentido ou sentidos para o texto imagético, que tem em mãos. Assim, ele desvela o ilimitado, explora a poesia, provoca o imaginário.

O texto imagético sem dúvida aciona um processo de conhecimento a partir da experiência e da prática. Quando uma imagem é observada, sentidos se formam na mente do leitor, as palavras surgem para explicar o que foi observado e a partir disso podem ser escritos os diversos tipos de textos: narrativo, dissertativo e descritivo. Na medida que o leitor começa a perceber uma relação entre imagem real, imagem representada e texto escrito, ele começa a estabelecer associações e comparações com a realidade, dessa forma inicia-se um processo de plurissignificação de sentidos. O leitor descobre que é capaz de interpretar e produzir textos nas diversas modalidades, abre-se também, para as diversas modalidades de discurso e percebe os recursos estilísticos utilizados pelo ilustrador e pelo autor; consegue, ainda, estabelecer uma relação entre as experiências prévias com o que está aprendendo e sentindo no momento. E assim, torna-se não só um novo leitor mas também um novo produtor de textos.

A análise do processo de formação da estrutura do texto imagético pode ajudar ao leitor a desenvolver a sensibilidade para a compreensão semântica mais profunda, a convergência entre as linguagens verbal, visual e simbólica, de conhecer o poder das ações para provocar e despertar sentimentos, perceber que através da linguagem pode exercer ação sobre o pensamento do outro, desenvolver uma linguagem interior que lhe permita levantar hipóteses e se preparar para argumentar. Quanto mais contato com imagens, melhor preparado o jovem leitor estará para ser claro ao exprimir seus pensamentos, aprender a colocar-se no lugar do outro além de perceber diferentes pontos de vista e respeitá-los, pois, “[...] o livro de imagem, ao permitir a invenção e a construção de diferentes textos, a partir da narrativa visual, estimula a diferença e o respeito pela diferença, sem o qual há democracia”. (CAMARGO, 1995, p. 87).

O texto imagético permite ao leitor superar alguns bloqueios característicos do pensamento concreto, conduz o mesmo a firmar relações, tirar conclusões e construir pensamentos abstratos. Ao seguir os estímulos que são dados por este tipo de texto o leitor observa os detalhes das imagens, os recursos, a distribuição dos elementos no papel e as relações entre as imagens, ele também apura sua percepção que envolve elementos cognitivos e elementos inconscientes formando um elo entre a objetividade e a subjetividade. Contudo sua profundidade à leitura de imagens depende mais do preparo e da sensibilidade do que propriamente do seu grau de intelectualidade, assim,

O professor, ao utilizar as histórias sem palavras, o texto não-verbal, em sala de aula, poderá intervir no processo de desenvolvimento potencial ou proximal dos alunos, pois, pelas imagens, pelo divertimento, a criança irá elaborar sua fala, seu pensamento, compreenderá as relações sociais, vivenciará e reviverá importantes mudanças em seu psiquismo. (TERRA, 2003, p. 5).

A melhor maneira de explicar o que significa texto imagético e qual sua importância é fazer um comentário sobre as produções existentes e seus autores.

Segundo Terra (2003, p. 1), em todo o mundo circulam as mais inusitadas publicações em que a história é contada a partir de imagens e fotos, sem texto escrito. Nesse caso o que constitui a narrativa é apenas o texto imagético. Cada vez mais, editoras inglesas, alemãs, americanas e japonesas têm apostado em livros assim configurados. Esse tipo de livro é recomendado tanto para a criança quanto para o jovem.

No Brasil há um bom tempo escritores e ilustradores têm trabalhado na produção de obras em que a imagem ocupa papel privilegiado junto ao texto escrito e, em alguns casos a narrativa convencional cede lugar à imagem.

Ângela Lago, Eva Furnari, Juarez Machado, Regina Coeli Rennó, entre outros, podem ser citados como representantes contemporâneos dessas obras.

Há livros em que a imagem é o próprio texto. São estampas que contextualizam ações, como nos livros da Coleção Peixe Vivo: Todo dia, Esconde-esconde; ou são tirinhas como nos livros da Bruxinha, de Eva Furnari; ou são histórias, como Ida e Volta de Juarez Machado. Nesses livros a seqüência e a articulação das imagens levam o leitor a construir uma história, já em outros, não só a articulação das imagens mas também a escolha das cores é significativa, como exemplo: História de Amor, de Regina Coeli Rennó. Em alguns livros a ilustração sobrepõe a um texto curto, escrito com letras grandes, poucas frases, mas que conta uma história. Estes livros brincam com o significante, construindo significados, isto é, articulando sons e aspectos visuais das palavras. Alguns propõem sentidos de uma história em prosa ou de um poema, outros casos demonstram um trabalho de garimpagem lingüística e léxica, pela carga semântica não só dos substantivos, adjetivos, verbos, advérbios como também pelo uso pertinente dos elementos que estabelecem relações entre termos e orações. Além disso ainda são marcantes os elementos escolhidos para sinalizar a intenção argumentativa do leitor.

No ensino de Língua Portuguesa, o texto imagético utilizado em sala de aula faz a interação do aluno com a linguagem não-verbal e a linguagem verbal, ou seja, proporciona ao leitor à organização das idéias facilitando a reprodução das mesmas para a linguagem verbal. Entretanto, para se entender a importância do texto imagético no ensino de Língua Portuguesa ou Língua Materna convém saber quais são os objetivos deste ensino.

O ensino de Língua Portuguesa envolve a aula de Leitura que tem como objetivo levar o aluno à compreensão de textos, a aula de Redação que objetiva a produção de textos orais e escritos, e a aula de Gramática que visa ensinar a língua padrão.

Segundo Luis Carlos Travaglia existe quatro respostas para a questão, “Para que se dá aulas de Português a falantes nativos de Português?”

A primeira delas propõe que o objetivo fundamental do ensino de língua seja o desenvolvimento da competência comunicativa:

[...] o ensino de Língua Materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. Portanto, este desenvolvimento deve ser entendido como a progressiva capacidade de realizar a adequação do ato verbal às situações de comunicação. (FONSECA, FONSECA, 1997 apud TRAVAGLIA, 2003, p.17).

Dessa forma pode-se afirmar que a competência comunicativa corresponde a capacidade de produzir e compreender textos nas mais diferentes situações de comunicação.

Para o autor a competência comunicativa implica duas outras competências: a gramatical ou lingüística e a textual.

A competência gramatical ou lingüística é definida como: “[...] a capacidade que tem todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar seqüências lingüísticas

gramaticais; isto é, consideradas por esses mesmos usuários como seqüências próprias e típicas da língua em questão. [...]”. (TRAVAGLIA, 2003, p. 17).

A competência textual utiliza-se de outras capacidades textuais, ou seja, “A competência textual é a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados, valendo-se de capacidades textuais básicas [...]”. (TRAVAGLIA, 2003, p. 18).

Na segunda resposta Travaglia (2003, p. 19), engloba dois objetivos de ensino de Português considerados preocupantes ao professor, são eles: a) levar o aluno a dominar a norma culta ou a língua padrão; b) ensinar a variedade escrita da língua.

Na terceira resposta ele se refere ao conhecimento da língua, “A terceira resposta diz que um dos objetivos do ensino de língua materna é levar o aluno ao conhecimento da instituição lingüística, da instituição social que a língua é, ao conhecimento de como ela está constituída e de como funciona (sua forma e função). [...]”.

Na quarta resposta o mesmo propõe um ensino voltado para o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio do aluno, “A quarta resposta propõe um objetivo que, sendo mais ligado a atividades metalingüísticas, ao ensino de teoria gramatical, não se aplica só ao ensino de língua materna. Propõe ensinar o aluno a pensar, a raciocinar. Ensinar o raciocínio, o modo de pensar científico. [...]”.

Para Bagno (2002, p. 58), no ensino de Língua Materna o objeto deixa de ser simplesmente a língua, entendida como sistema, código ou norma, para ser a linguagem, em seu sentido mais amplo de prática de interação sociocomunicativa e de criação de sentidos.

No mundo digital a informação tem linguagem universal o som, a imagem, e o texto são tratados, transmitidos e recebidos de um lugar para qualquer outro lugar do mundo, é a era da globalização, por isso,

Não devemos esquecer também que o acelerado desenvolvimento atual da tecnologia da informática nos obriga a incluir em nosso interesse um outro tipo de letramento, *o letramento digital*, uma vez que a tela do computador se tornou um novo portador de textos (e de hipertextos), suscitando novos gêneros, novos comportamentos sociais referentes às práticas do uso da linguagem oral e escrita, e cobrando de nós novas teorizações e novos modelos de interpretação dos fenômenos da linguagem. (BAGNO, 2002, p.56).

Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa requer atos de combate contra o preconceito, é preciso reflexão, pois,

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo. (BAGNO, 1999, p. 145).

Para reafirmar que o texto imagético condiz com os objetivos do ensino de Língua Portuguesa, foram feitas leituras e releituras de livros referentes ao tema deste trabalho, bem como consultas em outras fontes complementares tais como: revistas, internet e outros. Neste tipo de pesquisa pôde-se verificar os conceitos, pensamentos dos autores que serviram como base para todo o trabalho.

A pesquisa de campo realizou-se através de um estudo de caso, durante os meses de abril e maio do ano de 2005. A mesma teve como campo de atuação a 5ª série, turma A, turno manhã, ensino fundamental do Colégio Estadual Presidente Emilio Garrastazu Médici, situado na cidade de Aracaju/SE. Neste ambiente foram verificadas as dificuldades e possibilidades de utilização do texto imagético como recurso de ensino de Língua Portuguesa.

A coleta de dados concretizou-se por meio da observação direta em sala de aula, e da distribuição de material para realização do trabalho.

De acordo com as observações, realizadas no interior da sala de aula, pôde-se perceber que durante este período não houve utilização de diferentes tipos de gêneros textuais, como revistas, quadrinhos etc, e nem de textos imagéticos, imagens ou internet, embora, a escola tenha uma sala com computadores ligados à rede, e sua biblioteca possua livros de imagens de vários autores. Poucos diálogos foram realizados para saber de fato a opinião do aluno, com relação aos temas abordados nos textos dos livros didáticos, ou para conhecer a sua forma de interpretar, seu pensamento e a sua variação lingüística.

Após a observação foi distribuído um material composto por um texto imagético e uma folha de papel A4, anexa, para que cada aluno preenchesse as informações solicitadas. A mesma, também continha orientações para a realização do trabalho e espaço com linhas traçadas para que se produzisse um texto. Em seguida abriu-se uma discussão em torno do tema do texto, a qual se referiu à possibilidade de existir ou não príncipes encantados. As opiniões se divergiram, percebeu-se que o tema aparentemente inocente e um tanto quanto, considerado por alguns, ultrapassado, despertou em cada aluno uma visão de mundo que fora associada à realidade correspondente. Logo, em seqüência foi feita uma análise do texto imagético que continha imagens seqüenciadas, os alunos expressaram sua idéias e deram vários sentidos ao texto. A turma foi estimulada e orientada a produzir um texto oral a partir do texto imagético. Uma história começou a ser contada por um aluno e em seqüência os demais foram participando e assim, todos participaram de sua construção, dessa forma foi produzido um texto oral coeso, coerente e organizado, em sala de aula. Ao terminar a produção oral, cada aluno escreveu seu próprio texto na folha anexa ao texto imagético. Todos escreveram suas histórias de acordo com

seus conhecimentos prévio e textual. Alguns foram convidados para fazer a leituras de seus textos, a participação da turma foi unânime, os alunos aprovaram o recurso e informaram que ainda não haviam feito nenhum trabalho parecido com esse, em sala de aula. Ou seja, para eles o texto imagético foi uma novidade.

Apesar dos erros gramaticais encontrados nos textos escritos, o que foi levado em consideração foi a elaboração, a construção das histórias desenvolvidas pelos alunos. A maioria produziu um texto coeso, coerente. Todos deram título às histórias, nomes aos personagens, situaram o espaço e o tempo.

O estudo se desenvolveu visando realizar o objetivo proposto, o de analisar a importância do texto imagético, em sala de aula, no ensino de Língua Portuguesa.

Os resultados demonstram que se for utilizado em sala de aula, o texto imagético pode auxiliar o aluno a lidar melhor com as diversas modalidades de discurso, perceber os recursos estilísticos, a semântica, e outros elementos da Língua Materna, além de desenvolver a capacidade de interpretar e produzir textos. Esse tipo de texto tem um estilo singular que pode mostrar também, uma nova gramática da comunicação sem regras muito fixas e despertar o aluno para uma relação entre o imaginário, imagem real, imagem representada e texto escrito, estabelecendo associações e comparações com o texto-vida.

Diante de que foi observado e analisado, durante o processo de investigação, pode-se fazer várias sugestões que podem ser úteis, de alguma forma, para melhorar a maneira de se dar aulas de Português. Utilizar o texto imagético, em sala de aula, como mais um recurso. Incentivar o aluno a pesquisar sobre este tipo de texto. Deixar que cada aluno se expresse de forma espontânea e de acordo com seu conhecimento de mundo. Induzir o aluno a fazer inferências e

criar seu próprio texto. Dialogar sobre o tema a ser tratado no texto, a fim de esclarecer dúvidas, socializar idéias e não determinar o que o texto pretende comunicar.

Vale destacar que a utilização do texto imagético pode não ser uma prática fácil mas é de grande importância, pois, abre caminho para a interpretação de outros gêneros textuais. Esta prática desenvolve o pensamento, estimula a criatividade e a imaginação no que se refere não só à interpretação mas também à produção de texto.

Enfim, este trabalho não pretende dar receitas de como se ensinar a Língua Materna mas sim explicar que é preciso criar novas condições de aprendizado na era das novas tecnologias. O mesmo tem, também, a intenção de despertar os profissionais da área para uma reflexão sobre o seu tema.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papirus, 2000. 317 p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é como se faz**. 15 ed. São Paulo: Loyola, 1999. 183 p.
- _____; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Lingua Materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002. 245 p.
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995. 152 p.
- CONSTÂNCIO, Daniela Souza. **O esquema imagético, texto comunicativo na análise contrastiva de editoriais a organização da sintaxe**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07.html>>. Acesso em: 21 abril 2005.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. **Literatura infantil e textualidade**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/literatura_infantil.asp?f_id_artigo=165.html>. Acesso em: 25 abril 2005.
- FERRARA, Lucrecia D' Aléssio. **Leitura sem palavras**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. 72 p.
- FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002. 92 p.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157 p.
- INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1991. 221 p.
- TERRA, Ana Flávia Rodrigues. **O livro de imagens na educação infantil**. Presença Pedagógica. Disponível em: <http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revistas51_trecho.html>. Acesso em: 11 abril 2005.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. **GRAMÁTICA E INTERAÇÃO: uma proposta para o ensino de gramática**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 245 p.